

Copacabana e o espírito do lugar: reflexões sobre a celebração da vida no Rio de Janeiro contemporâneo

ALESSANDRA DE FIGUEREDO PORTO*

Resumo

O presente artigo pretende analisar o bairro de Copacabana como lugar que cria a ligação, construindo um espaço de socialidade. No bairro, indivíduos celebram manifestações de ordem cultural, religiosa, esportiva, dentre outros. O local é analisado como “altar”, visando demonstrar os encantos e elos suscitados pelo “espírito do lugar” em uma cidade contemporânea: o Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Cidade; comunicação; Copacabana; Rio de Janeiro; socialidade.

Abstract

The present article intends to analyze the Copacabana neighborhood as a place that creates the connection, building a space of sociality. In the neighborhood, people celebrate manifestations of cultural, religious and sports order, among others. The site is analyzed as an "altar", aiming to demonstrate the charms and links raised by the "spirit of place" in a contemporary city: Rio de Janeiro.

Key words: city; communication; Copacabana; Rio de Janeiro; sociality.



* **ALESSANDRA DE FIGUEREDO PORTO** é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM/UERJ), possui graduação em Comunicação Social (Habilitação: Relações Públicas) pela mesma universidade e Pós-Graduação em Marketing pela Universidade Estácio de Sá.



Maria da Conceição, nas areias de Copacabana – Foto: Guilherme Pinto / Agência O Globo

1. Introdução

No século XX, o projeto civilizatório do Rio de Janeiro tinha caminhado para o Atlântico. Para O’ Donnell (2013), a modernidade havia se instaurado, e Copacabana era um local estratégico para que o projeto se concretizasse. Com isso, o crescimento na cidade partiu para os bairros atlânticos, enquanto paulatinamente a área central do Rio de Janeiro parou de se desenvolver. Abreu (2008) menciona que as transformações ocorriam rapidamente na zona sul - de modo especial, em Copacabana. Quando se falava em zona sul, “Copacabana não significava apenas a solução para velhos problemas; mais do que isso, era a chance de criar um cotidiano inédito. Era a vitrine do novo, a esperança, a modernidade” (BOECHAT, 1998, p. 27)

Após a política de “bota abaixo” do prefeito Pereira Passos, o setor de construção civil recebia investimentos, e deduziu-se que tais estímulos se

voltariam para o centro da cidade. Ledo engano. O cidadão já havia se encantado pela “Princesinha do Mar”, e era justamente no bairro de Copacabana que ele queria ficar. Abreu menciona que (2008, p. 113):

Depois da fase de grandes modificações urbanísticas do início do século, tudo levava a crer que o centro viesse a transformar rapidamente a sua forma-aparência, substituindo padrões de construção antigos por novos edifícios de vários andares. Isso entretanto não aconteceu na medida do esperado, e a razão principal foi o aparecimento do “fenômeno Copacabana”, que atraiu para si não só uma série de atividades outrora radicadas exclusivamente no centro, como grande parte dos capitais que seriam normalmente canalizados para investimentos imobiliários na área central.

O setor de construção civil soube “capitalizar” o status que as pessoas buscavam quando pensavam em residir

à beira mar. Ao mesmo tempo, o bairro era uma síntese de vários cenários, onde o trópico e a metrópole conviviam pacificamente. Lessa afirma que (2005, p. 246):

A partir do brilho de Copacabana o Rio é muito mais: é simplesmente o Rio. Para o brasileiro, Copacabana converte-se no ícone do moderno, do não-colonial e da originalidade nacional. É a metrópole da roupa de banho, não do terno de casimira, sucessor da casaca de lã preta. O olhar do carioca ergue-se da praia e extasia-se com o oceano Atlântico.

A chegada do novo século inseriu as praias em lugar de destaque, especificamente pelos bairros atlânticos, que foram colocados “no léxico da elegância e da modernidade” (O’ DONNELL, 2013, p. 105). Desse modo, o centro parisiense “abre alas” para a chegada da “princesinha do mar” como uma verdadeira “cidade dentro da cidade”, conforme frisa Abreu (2008). Lessa (2005) menciona que o Rio teria que ser somente o Rio – e não a mais a Paris dos Trópicos.

Para melhor entendimento do percurso inicial de descoberta da praia, O’ Donnell (2013) aponta que, no dia 6 de julho de 1892, a Companhia Ferro-Carril Jardim Botânico inaugurou uma linha de bondes para Copacabana, evento que também trouxe à tona a abertura do Túnel Real Grandeza (atual Túnel Alaor Prata, popularmente conhecido como Túnel Velho). A viagem do centro da cidade até a nova estação de Copacabana levava em média uma hora. Os bondes partiam especificamente da rua Gonçalves Dias, e foi através de tal meio de transporte que o areal se tornou acessível. A abertura dos túneis também possuiu extrema importância no tocante à descoberta daquele até então logradouro

deserto, uma vez que “Copacabana foi sucessivamente acessada pelo Túnel Alaor Prata, em 1892, e pelo Túnel do Leme, em 1906” (LESSA, 2005, p. 206). A companhia explorava um deserto de areia, sem saber que ali nasceria um novo Rio de Janeiro. Para O’ Donnell (2013, p. 18):

Ficava evidente, já naquele longínquo 6 de julho, que a Companhia Jardim Botânico inaugurava bem mais que uma simples linha de ferro-carris. Além dos duzentos metros de perfuração e do 1,4 quilômetro de aterro até a praia e da estação propriamente dita, surgia ali um novo bairro e, com ele, uma nova forma de experimentar a vida urbana carioca.

Apenas complementando o raciocínio em questão, Abreu (2008) ressalta que a integração de Copacabana ao espaço urbano foi promovida pelo poder público, através dos seguintes fatores: uma intimação dada à Companhia Jardim Botânico para acelerar a obra de perfuração do Túnel do Leme e a construção da avenida Atlântica. É interessante observar que, em um primeiro momento, os acionistas da Companhia Jardim Botânico duvidaram que o progresso pudesse chegar rapidamente ao bairro, conforme menciona o autor (2008, p. 48):

A inauguração das linhas de Copacabana sofreu pressões contrárias de alguns acionistas da empresa que viam como um grande erro da diretoria e, na melhor das hipóteses, como um ato imprudente, a decisão de levar o bonde ‘àquele deserto arenoso, sem habitação e cujo progresso seria muito lento’.

Após enxergar o potencial de crescimento do local, O’ Donnell (2013) cita que a Companhia Jardim Botânico passou a ter os olhos voltados para o lucro imobiliário quando o assunto era

Copacabana. Sendo assim, a empresa associou-se a grandes incorporadores, proprietários de terras, e principalmente às companhias de serviços públicos (de modo especial as que eram responsáveis pela implantação e pelo fornecimento de gás, água potável e sistema de esgoto). Depois da inauguração da linha centro - Copacabana, a Companhia Jardim Botânico olhava o bairro como um grande negócio, e obviamente almejava que o mesmo obtivesse sucesso. Para tal, promoveu um evento em comemoração ao novo bairro, conforme relata a autora (2013, pp. 39-40):

Principal interessada no sucesso do ‘empreendimento Copacabana’, a Companhia Jardim Botânico empenhou-se para fazer valer sua ousadia. Promoveu, por exemplo, a partir de 24 de março de 1893, trinta dias de festejos no novo bairro, organizando leilões, barraquinhas e jogos na rua em nome da arrecadação de fundos para a construção de uma escola na região. Ofereceu ainda, pelo período de um ano, condução gratuita até ali, incentivando a visita dos que estivessem dispostos a conhecer a nova face da cidade.

Os bondes foram fundamentais no que se refere à descoberta do bairro. Para O’ Donnell (2013), aos olhos dos passageiros que embarcavam na Gonçalves Dias rumo à Copacabana, a cidade era vista como apertada, insalubre e insuficiente para acomodar a expansão da capital federal. É importante registrar que o período 1870-1902 representou uma etapa de expansão da cidade através dos bondes e trens. Ambos meios de transporte possuíram ação diferenciada na expansão da cidade: enquanto os primeiros se encarregavam de ocupar e ligar à Zona Sul, os trens visavam

atender as necessidades de pessoas de baixa renda. Santos (apud Abreu, 2008, p. 44) cita que:

Trens e bondes foram, sem dúvida, indutores do desenvolvimento urbano do Rio. Mas o caráter de massa destes meios de transporte tem de ser relativizado, como também devem ser relativizados os seus papéis frente ao ambiente urbano. (...) Em outras palavras, o bonde fez a zona sul, porque as razões de ocupação seletiva da área já eram realidade... Já o trem veio responder a uma necessidade de localização de pessoas de baixa renda e de atividades menos nobres.

O’ Donnell (2013) frisa que Copacabana foi tocada pela “varinha mágica” da Companhia Jardim Botânico, entrando a partir daí nos trilhos do futuro. Além de permitir a expansão da cidade, o bonde era considerado “um símbolo da mobilidade e, sem tardar, também da velocidade. Os bondes sintetizavam boa parte dos signos da urbanização e, na mesma medida, de determinado ideal de modernidade” (O’ DONNELL, 2013, p. 22). Apenas para ilustrar o rápido crescimento do bairro, Copacabana já era um verdadeiro subcentro em formação no final da década de 40.

Mosaico de diversas culturas, hábitos e estilos de vida, no mês de agosto de 2013 o bairro “descansou” da multidão que abrigou em suas areias durante a Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013), ávida pela benção do Papa Francisco. Todavia, já se preparava para receber cidadãos de todo mundo para o réveillon 2014, que sempre buscam nas areias da “princesinha do mar” a esperança de um feliz ano vindouro.

2. Copacabana: um lugar e um espírito

Copacabana completou cento e vinte e um anos no dia 6 de julho de 2013. Entretanto, foi no seu 120º aniversário (comemorado em 2012) que a “princesinha” recebeu “mimos” dos seus súditos. Além da programação regada a bossa nova e samba promovida pela prefeitura do Rio de Janeiro¹, Copacabana foi parabenizada através de verdadeiras “declarações de amor” de pessoas que escolheram o bairro como local para viver (inclusive as que não nasceram no Brasil). A edição online do jornal O Globo² que aborda o 120º aniversário de Copacabana entrevistou moradores, como o português Fernando Polónia. Nascido na cidade do Porto, ele escolheu Copacabana como bairro para viver em 1953. Alguns dos principais trechos das entrevistas encontram-se a seguir, e serão analisados no presente artigo. No decorrer da reportagem, o Sr. Fernando declara abertamente sua paixão pelo bairro, e afirma: “*Se muitos cariocas vivem em Copacabana por inerência do local de nascimento, eu vivo por opção e devoção.*”³ Na frase acima, existe (ainda que de modo implícito) uma tentativa de sacralização do espaço, que é ressaltada pelo fato do Sr. Fernando se referir à escolha do bairro para viver como “devoção”. O português complementa: “*a beleza da sua praia e seu contorno geográfico eram um desenho tão perfeito que só*

podiam ser traçados pelas mãos de Deus”.

Heidegger (apud Maffesoli, 2004, p. 62) chama de sítio aquilo que reúne em si o essencial de uma coisa, e que deverá ser vivenciado com o outro (o que faz dele um espaço sagrado). Existe um “deus local”, fazendo até mesmo o estrangeiro que se instala em um determinado lugar adotá-lo, conforme menciona Maffesoli (2004, p.63):

Com respeito a isso, é preciso lembrar que, tradicionalmente, cada território, cada região tinha seu ‘deus local’. Esse é o ‘numen loci’. Pôde-se inclusive mostrar que, num dado território, a pregnância do ‘deus local’ era tão forte, que os estrangeiros que ali vinham instalar-se eram levados a adotá-lo.

Maffesoli (2010) menciona que o outro faz parte do grupo porque juntos fazem parte de um território. Para o autor, o bairro é um território real. No caso, o território é causa e efeito da comunicação-comunhão. O bairro descrito de modo apaixonado pelo Sr. Fernando traz à tona o sentimento de fazer parte (no caso, ele é parte integrante do “desenho perfeito” chamado Copacabana). Partindo da análise acima, o português Fernando Polónia adotou o *numen loci* do bairro Copacabana para prestar sua devoção. Em decorrência, a divindade do lugar serve de cimento societário, onde o deus ocupa o terreno antes do homem. O autor complementa mencionando que a perspectiva acima também pode ser analisada de modo profano, na ideia do *genius loci*: espírito do lugar, inspirador do artista, do poeta ou do homem da massa indiscriminada (Maffesoli, 2004). Cabe ao espírito do lugar acentuar o etos ligado a um espaço.

Desse modo, cabe ressaltar que existe uma ‘força espiritual’ ligada à

¹ <Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/rio/show-para-comemorar-os-120-anos-de-copacabana-lota-as-areias-da-praia-5414124> Acesso em: 26 ago.2013.>

² <Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/07/copacabana-faz-120-anos-e-ganha-de-presente-declaracoes-de-amor.html> Acesso em: 29 jan.2013.>

³ Id.

Copacabana, fazendo do bairro concomitantemente um lugar e um espírito. O local sempre foi fonte inspiradora para artistas e poetas, passando por músicos como Dick Farney (compositor de “Copacabana”), cujos principais trechos da letra encontram-se abaixo:

*Existem praias tão lindas, cheias
de luz
Nenhuma tem o encanto que tu
possuis
Tuas areias
Teu céu tão lindo
Tuas sereias
Sempre sorrindo.*

Em uma perspectiva mais atual, o cantor e compositor Alceu Valença relata a religiosidade (que parece estar atrelada às festividades do réveillon) na letra da canção “Ai de ti Copacabana”:

*Eu te procuro
No Leblon, Copacabana
Vejo velas de umbanda
Um buquê jogado ao mar*

As letras acima fazem parte do imenso rol de músicas que homenageiam o bairro, e comumente suscitam a magia e o encanto do lugar. Maffesoli faz menção à Copacabana “de encantos evocadores” (2004, p. 63), como se observa a seguir:

Montparnasse, Pigalle, o Marais, cada um destes é, simultaneamente, um lugar e um espírito. E poderíamos facilmente acrescentar uma sucessão de nomes a esses encantos evocadores: Quartier Latin, Shinjuku, Copacabana, Manhattan, Kreuzberg, Trastevere, etc.

Sendo assim, a Copacabana do Sr. Fernando (o entrevistado do jornal O Globo) pode ser vista como um lugar inserido na “lista dos altares”, cuja explanação se encontra detalhada no tópico a seguir.

3. O bairro como altar e “pedaço de Deus”

Passados cento e vinte um anos, Copacabana pode ser vista como um bairro que abriga sagrado e profano, inclusive em decorrência das múltiplas culturas que permeiam o lugar partindo de uma abordagem contemporânea. Para melhor compreensão, vale ressaltar que a contemporaneidade é algo que possui uma relação singular com o próprio tempo (AGAMBEN, 2009). Complementando o raciocínio, o autor frisa que (2009, p. 63):

Pode-se dizer contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade. (...) Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo.

A própria origem do nome Copacabana evoca uma lenda que teve origem no antigo império Inca. Uma virgem teria aparecido para Francisco Tito Yupanqui, um jovem pescador que, em sua homenagem, teria esculpido uma imagem da santa que ficou conhecida como Nossa Senhora de Copacabana. No século XVII, comerciantes bolivianos e peruanos de prata (chamados na época de “peruleiros”) trouxeram uma réplica dessa imagem para a praia do Rio de Janeiro, que na época era chamada de Sacopenapã (nome tupi que significa “caminho de socós”). Sobre um dos rochedos da praia, foi erguida uma capela em homenagem à santa. Com o passar dos anos, o nome da capela passou a designar a praia e o bairro. A capela veio a ser demolida em 1914, para que fosse construído em seu local de origem

o atual Forte de Copacabana.⁴ É interessante observar que, desde a lenda que remete à origem do seu nome até os dias atuais, o bairro de Copacabana faz emergir uma multiplicidade de culturas, principalmente se a análise tiver como ponto central a vocação cosmopolita do lugar. Na contemporaneidade, discorrer sobre uma única cultura restringe o olhar quando se pensa no bairro que abriga o maior réveillon do mundo⁵, o hotel Copacabana Palace e tantos outros itens que se tornariam inumeráveis no presente artigo. Quando se fala em Copacabana, faz-se necessário partir de interações multiculturais segundo Zygmunt Bauman (2012, p. 227):

O conceito de cultura é a subjetividade objetificada; é um esforço para compreender o modo como uma ação individual é capaz de possuir uma validade supraindividual; e como a realidade dura e consistente existe por meio de uma multiplicidade de interações individuais.

Copacabana é a síntese de múltiplas interações. Ao ser analisado como “lugar emblemático”, o bairro pode ser representado por uma multiplicidade de pequenos altares que possuem a mesma função de elaborar os “mistérios da comunicação-comunhão” (MAFFESOLI, 2004). Neste caso, a comunicação é proxêmica, fazendo com que as pessoas estruturem inconscientemente o próprio espaço. Nos quiosques da orla, bares, restaurantes, praças do bairro e demais espaços urbanos de Copacabana são erigidos altares, onde a socialidade se

constrói. Os “altares” são lugares e espaços da socialidade, compostos por afetos e emoções comuns. Desse modo, Copacabana está inserida na lista dos “lugares altares”, onde as pessoas fazem parte de um mundo compartilhado com os outros. Para Maffesoli (2004, p.64):

É longa a lista dos ‘altares’ em que podemos investir fisicamente ou na fantasia. E, como um eco, encontramos alguma coisa parecida em todos os ‘pequenos altares’ que vêm aninhar-se no seio das grandes megalópoles, como tantos outros abrigos matriciais em que posso viver locomover-me e passar tempo com outros.

O fato de vivenciar o sítio com o outro (aquilo que reúne em si o essencial de uma coisa, conforme explicado no capítulo anterior) é o que lhe confere a carga religiosa. O percurso repousa na *primum relationis*, onde coexiste um ponto de unificação, já que é oriundo da sua relação com o outro (MAFFESOLI, 2004).

Tomando como exemplo a mesma edição online do jornal O Globo citada anteriormente, cabe analisar a frase da D. Maria do Carmo Couto Carvalho, que trabalha como guia de turismo e reside no bairro há vinte anos: “*Vi muita beleza no mundo, principalmente na Europa, mas Copacabana é um pedaço de Deus*”.⁶ É através dos “altares” que o indivíduo se constrói simbolicamente, percurso que ocorre de modo incessante através da multiplicidade de espaços que constitui a característica da cidade contemporânea. Vale a pena registrar que a cidade contemporânea é um emaranhado de comunicações que

⁴ <Disponível em:

http://oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011/12/11_archive.html Acesso em: 29 jan.2013.>

⁵ <Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,ri-o-ganha-titulo-de-maior-reveillon-do-mundo-817503,0.htm> Acesso em: 29 jan.2013.>

⁶ <Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/07/copacabana-faz-120-anos-e-ganha-de-presente-declaracoes-de-amor.html> Acesso em: 29 jan.2013.>

também acontecem nos prédios e nos corpos que transitam pelos mais diversos espaços metropolitanos (FREITAS in Freitas e Oliveira, 2011). Sendo assim, Copacabana pode ser vista como um imenso e perpétuo altar, no qual são celebrados diversos cultos de componente estético-ético. O lugar é o responsável pela ligação.

Maffesoli frisa que “a ligação, quer dizer o espaço, a natureza e os elementos primordiais que os compõem, tornam visível a força invisível da ligação que me une aos outros” (MAFFESOLI, 2010, p. 104). No caso de Copacabana, um lugar que é “*pedaço de Deus*”, de acordo com D. Maria (ao ser entrevistada pelo jornal O Globo). Para Maffesoli, os cultos de componente estético-ético podem ser classificados do seguinte modo (2004, p.57):

São os cultos do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da comida, do esporte, etc. Nesse aspecto, a lista é infinita. O denominador comum é o lugar onde se realiza esse culto. Com isso, o lugar faz o elo. Uma formulação de Rilke resume bem essa colocação: ‘o espaço de celebração’ (Raum des Rühmung).

No imenso “altar” chamado Copacabana, a praia pode ser vista como “espaço de celebração”, já que é um dos locais onde o cotidiano flui. Para Maffesoli, (2004), nos espaços de celebração as pessoas se reúnem e se reconhecem mutuamente - e com isso, conhecem a si mesmas. Sendo assim, o lugar produz vínculos baseados na posse comum de valores arraigados (que são coisas cotidianas, que aliam em um paradoxo o material e o espiritual).

4. Outras considerações

À guisa de conclusão, Copacabana pode ser vista como um espelho da multiplicidade de culturas que permeiam a cidade contemporânea. Durante a comemoração do seu aniversário de cento e vinte anos, cidadãos expressaram a sua paixão pelo bairro através da mídia, demonstrando o quão Copacabana é simultaneamente um espírito e um lugar. Tal leitura permitiu abordar qualitativamente algumas declarações na perspectiva maffesoliana, fazendo com que o bairro possa ser visto como um “altar”. Mais do que um bairro, Copacabana é “*pedaço de Deus*”. Desse modo, evidenciam-se aspectos voltados para a construção de uma socialidade, onde os espaços e festividades do bairro seriam elementos propiciadores da partilha com o outro no mesmo sítio (segundo conceito proposto por Martin Heidegger).

De modo simultâneo, a análise buscou evidenciar como a mídia (através da realização de observação informal do veículo O Globo – versão online) permitiu que o morador fizesse uma espécie de ode à “Princesinha do Mar”. O mundo contemporâneo nos remete a uma percepção singular com o tempo. Passados cento e vinte anos, o bairro continua tendo o tempo cronológico como algo que o transforma de modo intempestivo, compromisso presente na contemporaneidade. O élan presente no bairro de Copacabana parte de uma devoção – seja através do sagrado (*numen loci*) ou do profano (*genius loci*) –, tornando seus espaços urbanos locais onde se celebra a vida.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOECHAT, Ricardo. Copacabana Palace: um hotel e sua história. São Paulo: DBA, 1998.

BORELLI, S.H.S. e FREITAS, R.F. (orgs.), Comunicação, narrativas e culturas urbanas. São Paulo: EDUC, 2009.

LESSA, Carlos. O Rio de Janeiro de todos os brasis. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEVY, Ruth. Entre palácios e pavilhões: a arquitetura efêmera da exposição nacional de 1908. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2008.

MAFFESOLI, Michel. Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. Saturação. São Paulo: Iluminuras, 2010.

O' DONNELL, Julia. A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Recebido em 14-03-22
Publicado em 14-04-13